

## Apresentação UM GÊNERO POPULAR

Neste volume da *Miscelânea*, reúnem-se estudos diversificados sobre a presença da literatura em periódicos brasileiros, portugueses, franceses e alemães, com especial interesse pelo romance-folhetim.

A publicação seriada de narrativas ficou intimamente associada a jornais e magazines e foi praticada na Inglaterra a partir de 1820. Porém, a data de 1836 assinala a conjugação da literatura a um novo modelo de imprensa baseado em grandes tiragens e preços módicos para a assinatura de jornais e particularmente para o exemplar avulso. Pode-se dizer que os diários parisienses *La Presse*, de Émile de Girardin, e *Le Siècle*, de Armand Dutacq, foram responsáveis por detonar uma verdadeira “revolução do folhetim”. Pouco tempo depois, até mesmo folhas consideradas conservadoras ou reacionárias passaram a abrir os seus rodapés para aventuras ou intrigas amorosas “rocambolescas”. A fórmula do romance seriado diariamente inserido no rodapé da primeira página espalhou-se pelo mundo. No Brasil, a novidade foi introduzida em 1838 pelo solene *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, que foi logo imitado por seus concorrentes. Predominou por aqui durante muito tempo a tradução não autorizada de mestres franceses do gênero como Alexandre Dumas (pai), Eugène Sue, Ponson du Terrail e Xavier de Montepin.

Os dois primeiros ensaios deste volume contemplam justamente o mestre Dumas. Maria Gabriella Flores Severo Fonseca trata de *Mémoire d'un médicin*, ciclo romanesco publicado em *La Presse* e depois em volumes independentes ao longo de uma década (1846-1855). Com essa obra monumental, o romancista expressou sua visão muito particular a respeito da Revolução Francesa de 1789. Já Ana Beatriz Demarchi Barel analisa o “clássico” folhetim *O conde de Monte-Cristo* (1844-1846), publicado inicialmente no *Journal des Débats*, que também evidencia o interesse de Dumas pela história francesa. Nesse caso, contempla-se a Restauração (1814-1830).

O terceiro ensaio, de Ronaldo Guimarães Galvão e Maria Lúcia Dias Mendes, estuda a tradução de *Une histoire invraisemblable*, de Alphonse Karr, publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 1846. Embora esteja hoje esquecido, Karr desfrutava naquele tempo de grande popularidade,

principalmente pela revista satírica *Les Guêpes* (1839-1849). Seus romances-folhetins eram “pirateados” sem cerimônia pela imprensa brasileira. Com *Une histoire invraisemblable*, puderam os brasileiros, a despeito de modificações introduzidas na tradução, apreciar a ironia e a metalinguagem saborosas desse grande prosador.

Sabrina Baltor de Oliveira com seu estudo destaca a contribuição pioneira do jornal *O Cronista*, no ano-chave de 1836, para a publicação de narrativas seriadas no Brasil com “A luva misteriosa, conto fantástico”, de Honorée de Balzac, adaptação de *La peau de chagrin* (1831).

Por sua vez, Aline Ferreira Bastos dedica seu ensaio a um dos grandes ficcionistas brasileiros de todos os tempos, José de Alencar, que empregou cartas ficcionais para obter efeitos de verossimilhança ou para criação de níveis narrativos.

Do romantismo português, destaca-se aqui a obra de Alexandre Herculano com ênfase na sua fortuna editorial. Eduardo Soczek Mendes estuda a publicação em volumes de textos anteriormente divulgados por esse autor português em *O Panorama* (1837-1868). Após a caracterização do periódico e da colaboração do romancista, Mendes critica a reedição de *Lendas e narrativas* por Vitorino Nemésio em 1970. São alvos de contestação os critérios de edição e particularmente a inserção do texto “Os sete dormentes”, que, não obstante, era perfeitamente afinado com o programa ilustrado das revista *O Panorama*.

Em seu ensaio, Jefferson Rodrigo Cardoso da Silva e Natália Gonçalves de Sousa Santos voltam sua atenção para o romance-folhetim *Amores malditos* (1864), de Luís Ramos Figueira, publicado em *Imprensa Acadêmica* (1864-1871). Estudante de Direito, Figueira, com a sua sedutora cortesã Ricardina, lança no provinciano ambiente paulistano a recorrente personagem romanesca da mulher fatal.

Louise Farias da Silveira desentranha da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (1869-1879) a narrativa seriada *A Mãe do Ouro* (1873), de Alberto Coelho da Cunha, que conjuga a presença de elementos insólitos, próprios da literatura fantástica, com lendas e personagens folclóricas do Sul do Brasil.

Comprovando a difusão da narrativa seriada no Brasil do século XIX, Rosária Cristina Costa Ribeiro e Edja Feliciano Silva examinam em seu ensaio a publicação, a partir de 1858, de romances-folhetins no *Diário das Alagoas*, primeiro cotidiano daquela província.

*O Rio Nu*, periódico humorístico que com seu título homenageou revista de ano de grande sucesso, atraiu as atenções de Natanael Duarte Azevedo, Bianca do Carmo Pereira Brito e Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. Do farto material erótico publicado, destacaram o romance-folhetim *O Buraco*, da provável autoria de Ângelo Vieira de Brito, que o teria assinado

com o pseudônimo Bock. Como demonstram os autores, a narrativa concilia humor, metalinguagem e franca crítica social.

No último ensaio, Anderson Roszik aborda um poema satírico de um prolífico autor da República de Weimar. Em vários periódicos e sob diversos pseudônimos com temas e dicções específicos, Kurt Tucholsky (1890-1935) insurgiu-se contra o militarismo alemão, a corrupção política e a ascensão do nazifascismo. Com “Canção da alaúde” (1920), desferiu as setas de seu arco satírico contra a justiça militar alemã, que era incapaz de estabelecer limites civilizados ao despotismo dos oficiais mesmo após o desastroso fim da I Guerra Mundial.

Este volume da *Miscelânea* inaugura uma seção para a tradução de ensaios consagrados. Procura-se, assim, facilitar o acesso dos estudiosos brasileiros a textos clássicos que já se encontram em domínio público. Para esta edição, escolheu-se “De la littérature industrielle”, por meio do qual Sainte-Beuve, um dos principais críticos do século XIX, condenou na prestigiosa *Revue des Deux Mondes* em 1838 a prática adotada por *La Presse* e *Le Siècle* de publicar narrativas seriadas e também a edição de romances “populares”, com tiragens expressivas, como forma de satisfazer o crescente interesse por literatura de massas recentemente alfabetizadas e, por essa razão, destituídas de uma formação cultural sólida. De nada adiantou o indignado e brilhante protesto, pois o romance-folhetim e os livros populares desfrutariam de um sucesso sem precedentes junto ao público leitor, especialmente na França. Empenharam-se nessa tradução Alvaro Santos Simões Junior e Adail Ubirajara Sobral, a quem agradecemos a preciosa colaboração.

Ao final desta edição, apresentam-se resenha do livro *Futuro ancestral*, do imortal Ailton Krenak, por Rodrigo Felipe Veloso, e entrevista gentilmente concedida por Eva Furnari a Cleide Aparecida Vilarinho Takaasi e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira a respeito do processo de criação nas literaturas infantil e juvenil.

Desejamos que a leitura desses textos possa proporcionar prazer semelhante ao desfrutado pelos leitores das obras aqui analisadas.

Assis/Pelotas, primavera de 2025

Alvaro Santos Simões Junior (Unesp)  
Mauro Nicola Póvoas (FURG)  
Organizadores